

## PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS PARA TRABALHO COM FONTES ORAIS

### *METHODOLOGICAL PRINCIPLES FOR RESEARCH USING ORAL SOURCES*

**Joel Haroldo Baade<sup>1</sup>**

**RESUMO:** *O presente artigo arrola e discute alguns princípios metodológicos a ser considerados em pesquisas que pretendam fazer uso de fontes orais. A reflexão teórica aqui esboçada serviu de subsídio para a pesquisa de doutorado realizada pelo autor entre os anos de 2007 e 2011. Esta análise focou a imigração germânica para os estados de Santa Catarina e Paraná, ao longo do século XIX e primeira metade do século XX, e especificamente a formação de uma igreja luterana entre esses imigrantes. O emprego da metodologia de história oral revelou-se muito frutífero, especialmente por oferecer um ponto de vista distinto daquele que pode ser encontrado nas fontes históricas "oficiais". Contudo, a análise dessas fontes exige princípios metodológicos específicos, tais como: a relação relativa entre verdade e exatidão, a função do silêncio e das pausas no depoimento e as intencionalidades do depoente.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Historiografia. História Oral. Metodologia.

**ABSTRACT:** *The current article lists and discusses some methodological principles which need to be considered in research which intends to use oral sources. The theoretical reflection outlined here served as a resource for the doctoral research carried out by the author between the years of 2007 and 2011. That analysis focused on the German immigration to the states of Santa Catarina and Paraná throughout the 19th century and first half of the 20th century, and especially on the formation of a Lutheran church among the immigrants. The use of the oral history methodology proved to be very fruitful, mainly because it offered a distinct point of view, different from that of the "official" historical sources. However the analysis of these sources demands specific methodological principles, such as the relative relation between truth and exactness, the role of silence and pauses in the statement and the intentionalities of the person interviewed.*

**KEYWORDS:** Historiography. Oral History. Methodology.

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho com história oral já está bastante sedimentado na historiografia e não cabe no âmbito desta análise retomar questões para justificar o trabalho com fontes orais de forma geral. Entretanto, é fundamental apontar algumas motivações que podem levar ao emprego da metodologia de história oral em particular. Esses impulsos estão estreitamente relacionados com aquilo que JOUTARD (2000, p. 33) chama de "inspiração original" da história oral, a qual desdobra em três pontos.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia (EST). Email: baadejoel@gmail.com.

O primeiro desses princípios é a força da história oral de "dar voz àqueles que normalmente não a tem: os esquecidos, os excluídos ou [...] os 'derrotados'." (JOUTARD, 2000, p. 33; MEIHY, 2000, p. 95-97). Assim, a utilização de fontes orais ao lado de documentos escritos tem a pretensão de resgatar a ação histórica daquelas pessoas e grupos que não são contempladas nos documentos escritos.

Em segundo lugar, o oral é capaz de revelar o "indescritível", ou seja,

toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas 'muito insignificantes' – é o mundo da cotidianidade – ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita. É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional. (JOUTARD, 2000, p. 33-34).

E, não por último, a pesquisa oral é um meio privilegiado de testemunhar situações de extremo abandono (JOUTARD, 2000, p. 34). Na medida em que se resgata a história de pessoas e grupos que a têm negada, a historiografia age também como um agente de denúncia e transformação.

Dessa forma, o presente artigo tem o propósito de oferecer uma visão geral sobre o emprego de metodologias de história oral, ressaltando as contribuições que elas podem oferecer, mas também, ressaltando aspectos e princípios fundamentais que devem ser levados em consideração na análise desse tipo de fonte histórica.

## **2 QUESTÕES DE DEFINIÇÃO**

Danièle VOLDMAN (1996a, p. 248) define História Oral como o método que consiste em utilizar palavras gravadas. Já Meihy (2000, p. 85) caracteriza a história oral como "os processos decorrentes de entrevistas gravadas, transcritas e colocadas a público segundo critérios predeterminados pela existência de um projeto estabelecido." Nesse sentido, entende-se história oral como um método de trabalho historiográfico e não como um movimento em especial, característico de um determinado período histórico. A expressão foi empregada no Brasil pela primeira vez em 1977, na dissertação de mestrado de Carlos Humberto P. Corrêa (apud MEIHY, 2000, p. 90), da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada "História Oral: Teoria e Técnica". Desde então, a historiografia que faz uso de fontes orais tem ganhado cada vez mais espaço e pode atualmente ser caracterizada como um método consolidado.

A expressão "fonte oral" é empregada por Danièle Voldman (1996a, p. 248), para designar o material do qual faz uso a história oral. Já "arquivo oral" é uma expressão empregada para designar a fonte oral confiada a um organismo público. No decorrer desta abordagem, far-se-á mais referências às expressões "fonte oral" e "história oral" nos sentidos que aqui foram definidos.

### **3 A COLETA E CONSERVAÇÃO DE FONTES ORAIS**

A questão da coleta das fontes orais sugere uma série de discussões pontuais que precisam ser esclarecidas, pois são elas que darão sustentação à pesquisa ou a inviabilizarão de antemão. Duas delas são fundamentais: o papel do historiador no processo e a pergunta pela conservação do material coletado.

#### **3.1 O PAPEL DO HISTORIADOR**

Segundo Danièle Voldman (1996a, p. 249-251), o historiador, quando faz uso de história oral, procede a uma "invenção de fontes". A invenção da fonte se cristaliza na prática quando o profissional se faz as seguintes perguntas: a quem se deve entrevistar?; o entrevistado poderá ser contestado durante a entrevista?; como utilizar o material coletado?; a pessoa entrevistada poderá estar inteirada dos objetivos da pesquisa ou estes deverão permanecer ocultos? Todas essas questões precisarão ser refletidas inicialmente pelo pesquisador, e as opções feitas nesse tocante certamente determinarão de uma forma ou de outra a sua pesquisa.

Além disso, Joutard (2000, p. 43) chama a atenção para a estreita relação entre história oral e identidade. O referido autor chega a essa conclusão a partir da constatação de que um percentual muito significativo de trabalhos apresentados em encontros de profissionais de história oral aborda o tema da identidade. Essa proximidade pode ser, ao mesmo tempo, um risco e uma oportunidade para o historiador. As identidades podem ser tanto abertas quanto fechadas, mas tenderiam naturalmente para o fechamento. A identidade quer sempre se fechar e se afirmar diante daquilo que é diferente (HALL, 2000, p. 106).

Na medida em que as pessoas entrevistadas elaboram os seus relatos, elas estão construindo e tecendo a própria história, estão elaborando e reelaborando as suas identidades. A memória que se tem do passado é sempre constituída de fragmentos, nunca de um relato detalhado e acabado. Esses fragmentos de passado são reunidos, ordenados e interligados no momento da narrativa; que narra lhes confere um sentido, o que é próprio da racionalidade. O historiador, quando redige a sua análise, faz exercício semelhante.

Disso resulta que as fontes orais coletadas no presente sobre acontecimentos passados são profundamente marcadas pela busca também presente por sentido. Isso não significa que a entrevista pudesse ser conduzida de uma forma a evitá-lo, mas que durante o processo de análise é preciso tomar consciência desse elemento. O trabalho com fontes orais, assim, constitui um risco porque se pode facilmente cair na armadilha de um engajamento em favor de determinada história apenas em virtude do grau de comoção de suas testemunhas.

Por outro lado, reside aí também uma possibilidade de confrontar as testemunhas com outras histórias possíveis. Resulta que a entrevista, em certo sentido, assume um caráter poimênico. O favorecimento de um confronto com outras histórias pode levar as pessoas a encontrarem um sentido mais profundo para as suas próprias vidas. Em outro sentido, o trabalho do historiador poderá também oferecer às novas gerações um retrato de uma realidade passada mais próximo da complexidade, que é própria de qualquer sociedade humana<sup>2</sup>. Evidencia-se com isso a dimensão política da história oral (MEIHY, 2000, p. 95-97) e o caráter ativo desempenhado pelo historiador durante a concretização de sua pesquisa (TOURTIER-BONAZZI, 1996, p. 234).

### 3.2 A CONSERVAÇÃO DO MATERIAL COLETADO

A pergunta pela conservação do material coletado, pelo menos aparentemente, parece ser irrelevante, mas na realidade é fundamental num trabalho que faça uso de fontes orais. A sua importância talvez fique mais evidente a partir de um exemplo bem prático. Elabora-se um trabalho usando fontes orais e, ao final da pesquisa, destrói-se o material, com a alegação de que o procedimento foi adotado por causa de uma condição imposta pelas pessoas entrevistadas. Em tal caso fica evidente que a possibilidade de verificação fica anulada. Desse modo, qualquer projeto que pretenda fazer uso de fontes orais, carece também de uma reflexão sobre a forma de conservação das fontes históricas produzidas pela coleta de relatos orais.

## 4 O PROJETO DE PESQUISA

O trabalho com fontes orais não tem um fim em si mesmo. Ele somente tem uma razão de ser quando é parte de um projeto de pesquisa, quando pretende contribuir para a

---

<sup>2</sup> Uma reflexão sobre identidade, história oral e os desafios desta no contexto latino-americano pode ser encontrada em AMADO, 2000, p. 105-112.

compreensão de um objeto de pesquisa determinado. Assim, como diz Verena Alberti (2004, p. 29), "fazer história oral não é sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça, e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho dispostos a falar um pouco sobre as suas vidas."

O emprego de uma metodologia que faça uso de fontes orais depende, dessa forma, em grande parte do objeto de pesquisa. O pesquisador deve se perguntar se há pessoas que tiveram ou têm uma contribuição significativa a oferecer a respeito do objeto de estudo escolhido. Além disso, deve-se levar em consideração se essas pessoas estão em condições de oferecerem os seus testemunhos. Essa, na realidade, é a condição primordial para que se possa fazer uso da metodologia de história oral. Como diz Alberti (2004, p. 30-31), essas pessoas precisam estar dispostas a prestarem os seus testemunhos e em condições físicas e mentais de empreenderem a tarefa que lhes é solicitada.

As fontes escritas, por sua vez, não deveriam ser de forma alguma abolidas, mas ambos os tipos de fontes, orais e escritas, podem ser confrontadas durante a pesquisa. Esse confronto poderá eventualmente fazer aparecer contradições e descontinuidades do processo histórico, mas também possibilitará uma reflexão mais profunda sobre a realidade que se pretende analisar. Por um lado, as fontes escritas poderão, assim, servir de estímulo e ponto de partida das entrevistas a serem realizadas, mas também servem para a análise e a interpretação das fontes orais. Por outro lado, as fontes orais poderão lançar novas luzes sobre as fontes escritas, diminuindo a ênfase de acontecimento que, a princípio, pareciam de importância central, ou então fazendo ver a pertinência de acontecimentos que inicialmente pareciam irrelevantes (ALBERTI, 2004, p. 29-30).

## **5 A ESCOLHA DOS ENTREVISTADOS**

A escolha das pessoas a serem entrevistadas está ligada ao projeto de pesquisa e os objetivos nele traçados, bem como à disponibilidade e às condições das pessoas requisitadas para darem os seus testemunhos. Isso implica que, já durante a elaboração do projeto de pesquisa, pode-se iniciar a listagem de nomes das possíveis pessoas a serem entrevistadas posteriormente. No processo de escolha dos possíveis depoentes, possivelmente o pesquisador irá se deparar com dois tipos de testemunhas mencionados por Voldman (1996a, p. 259), quais sejam, as "grandes" e as "pequenas".

As "grandes" testemunhas são aquelas pessoas que tiveram ou têm uma ligação direta com a situação que constitui o objeto de pesquisa. São aquelas que participaram ativamente

dos processos históricos que se pretende analisar. Já as "pequenas" testemunhas são todas aquelas pessoas que julgamos não terem um vínculo imediato e direto com o processo histórico que se almeja estudar.

Essa questão, aliás, suscita outra pergunta que precisa ser esclarecida e que diz respeito à pertinência do testemunho de pessoas que não estiveram diretamente envolvidas no processo em estudo. Segundo Voldman (1996a, p. 260), a passividade das assim denominadas pequenas testemunhas é apenas aparente e, na realidade, pode-se descobrir aí uma testemunha capaz de oferecer uma contribuição muito significativa na reconstrução de fatos e processos históricos. Mas para que isso seja possível, cabe ao historiador, na medida em que interage com a testemunha, favorecer a sua reconstrução, de forma que ela mesma passe da certeza de que "nada tenho de interessante a dizer" para a construção do seu próprio relato.

## **6 MODALIDADES DE HISTÓRIA ORAL**

Uma distinção entre diferentes modalidades de história oral tem por objetivo contribuir em diferentes momentos da pesquisa, ou seja, na escolha de testemunhas, na elaboração de questionários, no desenrolar das entrevistas e na análise das fontes. Na presente abordagem, optou-se por diferenciar três modalidades de história oral: a história de vida, a entrevista temática e a tradição oral.

A história de vida visa focar a trajetória da pessoa entrevistada desde a sua infância até o momento da entrevista. As entrevistas temáticas são aquelas que versam primordialmente sobre a participação das pessoas entrevistadas no tema escolhido (ALBERTI, 2004, p. 37-38). A tradição oral tem um caráter mais coletivo e remete para a permanência dos mitos, festas, rituais, visão de mundo, com seus valores e estruturas mentais (MEIHY apud BRAND, 2000, p. 198). Ela é aquilo que foi transmitido às pessoas e não a sua história pessoal ou testemunho propriamente dito (JOUTARD, 2000, p. 37).

Assim, se o objetivo de uma pesquisa for o resgate da história de uma determinada instituição, então as testemunhas e as respectivas entrevistas precisarão ser escolhidas, elaboradas e, posteriormente, analisadas sob esta perspectiva. Isso não quer dizer, no entanto, que as histórias de vida e a tradição oral presente nos discursos das testemunhas possam ser ignoradas, mas apenas que precisarão ser abordadas na medida em que se relacionam com o objetivo central da pesquisa. A distinção que fizemos entre história de vida, entrevista temática e tradição oral não implica escolha entre uma das modalidades enquanto as outras possam ser colocadas de lado. Ela é muito mais um recurso que deve contribuir para que se

mantenha o foco de análise em conformidade com os objetivos traçados. Além do mais, partimos do pressuposto de que esses diferentes elementos estão, pelo menos em alguns momentos, tão profundamente interligados nos discursos das testemunhas, que o seu isolamento é, por um lado, impossível e, por outro, chega a ser inconveniente, pois fragmenta a pessoa nas suas múltiplas relações com o meio em que vive.

## **7 DEPOIMENTO E TESTEMUNHO**

Até aqui, empregou-se por diversas vezes os conceitos depoimento ou testemunho. Cabe, portanto, a seguir, tecer algumas considerações sobre o emprego desses termos e o que se pretende expressar ao utilizá-los.

O emprego do termo depoimento na história oral brasileira, quando esta ainda estava em sua fase inicial, na segunda metade da década de 1970 e início dos anos de 1980, não foi muito favorável, pois lembrava muito a vigilância e a prestação de contas diante dos agentes da ditadura militar. Além disso, conforme lembra Meihy (2000, p. 91), muitas pessoas tinham medo de deixarem gravadas as próprias histórias.

O depoimento é muitas vezes mencionado na literatura como testemunho. Dessa forma, estaremos empregando as duas designações como sinônimas. No caso específico da história oral, ele se constitui quando um profissional de história, o historiador no caso,

visando a prestar contas, a uma posteridade mediada pela técnica histórica, da ação da testemunha, tomando-se a palavra 'ação' num sentido muito amplo que engloba o fato, o acontecimento, o sentimento e a opinião, o comentário e a lembrança do passado. (VOLDMAN, 1996a, p. 256).

Mas essa definição ainda é pouco específica, pois no trabalho com história oral, via de regra, podem ser encontrados pelo menos dois tipos de testemunhas, que terão posturas diferentes na medida em que mantêm relações distintas com o tema sobre o qual estão sendo solicitadas a dar testemunho (VOLDMAN, 1996a, p. 258). Assim, por exemplo, o pesquisador irá se deparar com pessoas comprometidas com as realidades sobre as quais estão sendo solicitadas a dar testemunho. Elas também tenderão a eliminar conflitos e ocultar opiniões dissidentes. Se forem solicitadas a indicar outras pessoas que eventualmente pudessem ser entrevistadas, possivelmente indicarão testemunhas com opiniões semelhantes às suas.

Por outro lado, ao buscar testemunhas que foram contrárias às trajetórias históricas consolidadas, estas eventualmente irão supervalorizar os conflitos e as divergências. Elas

também tenderão a não dar valor, ou pouco valor, para os consensos alcançados e àquilo que poderia ser caracterizado como positivo. Para o historiador, não cabe optar por um ou outro tipo de testemunha, mas de buscar ouvir testemunhos distintos. A partir disso, não se deveria pretender buscar escrever "uma história", e sim apontar para as continuidades e descontinuidades das trajetórias históricas, para os seus conflitos e para os seus consensos.

Nos dois tipos de testemunhos apresentados há um compromisso direto e consciente com o objeto sobre o qual as pessoas são indagadas a dar testemunho. Segundo Voldman (1996b, p. 39-40), esses tipos de testemunhas são classificados sob a categoria de "testemunhas grandes" ou igualmente sob o signo de "testemunhas-sujeito", como referido acima. Além disso, como também já mencionado, a autora chama a atenção para outra categoria de testemunha, ou seja, aquelas pessoas que não possuem um compromisso consciente com o objeto sobre o qual são solicitadas a testemunhar. Por muito tempo, essa segunda categoria de testemunhas foi considerada como os não atores da história. A sua importância passa a ser valorizada pelo simples fato de o historiador lhes solicitar a dar o seu relato.

Além disso, pode-se outra distinção entre os tipos de testemunhas solicitadas a prestar um depoimento. Há pessoas que possuem um discurso "trancado, construído e controlado" e aquelas pessoas que "passam lembranças menos ordenadas, mais espontâneas." Entre todos esses tipos de testemunhas apresentados até aqui toda a sorte de combinações é possível. Desse modo, um "excluído da história" poderá ter um discurso muito bem elaborado e sistematizado. Ao mesmo tempo, alguém que teve uma participação muito ativa num determinado movimento político não tem necessariamente uma memória ordenada da sua ação (VOLDMAN, 1996b, p. 39).

## **8 ELABORAÇÃO DA PAUTA E A ENTREVISTA**

Na presente análise, evita-se falar em questionários associado ao trabalho com metodologia de história oral devido sobretudo ao papel limitador que eles exercem durante as entrevistas. Nesse sentido, prefere-se falar em pauta, pois ela oferece somente temas centrais a ser abordados durante a entrevista e cuja ordem pode sofrer alterações. Isso certamente se aproxima muito mais da dinâmica da memória do que questionários hermética e previamente organizados (BRAND, 2000, p. 204-205).

Além disso, segundo Brand (2000, p. 205), para a realização de uma boa entrevista "a formulação prévia, por parte do historiador, do seu projeto de pesquisa, explicitando

claramente os problemas ou as questões de fundo que motivam a pesquisa, é fundamental." O referido autor argumenta, dessa forma baseado em Thompson (apud BRAND, 2000, p. 205): "quanto mais se sabe, mais provável é que se obtenha informações históricas importantes de uma entrevista."

Uma questão muitas vezes difícil de ser respondida quando se está elaborando uma pauta para ser aplicada numa entrevista é a de como começar a conversa. A proposta que até o momento parece ser mais convincente não procede das reflexões metodológicas dos oralistas, mas de teólogos que refletem práticas terapêuticas para o aconselhamento pastoral. Segundo Michael Schibilsky (1996), um diálogo precisa começar com algo que esteja o mais próximo possível da pessoa entrevistada, que não lhe cause constrangimento e que não requeira grande exercício de memória. Até mesmo porque a memória não pode ser acessada ao bel-prazer do indivíduo, mas muitas vezes requer um estímulo anterior e/ou exterior. Nesse sentido, álbuns de fotografias também podem ser um bom estímulo para iniciar uma entrevista.

## **9 PRINCÍPIOS DE ANÁLISE**

A tarefa de análise de fontes orais jamais pode ser transformada numa atividade simplista. Ela precisa ser complexa na mesma medida em que são complexas as práticas e os discursos de quem é solicitado a depor. Disso, decorre a necessidade de não se fixar em um método único de interpretação, mas justamente buscar analisar as fontes sob diferentes pontos de vista. Nesse sentido, por exemplo, Danièle Voldman (1996b, p. 38) propõe que a análise de cada discurso precisa ser realizada a partir de uma ótica sociológica e psicológica<sup>3</sup>. Disso resulta que, durante o processo de análise, sob um determinado olhar, a informação transmitida pela fonte poderá parecer irrelevante; entretanto, sob outro ângulo, há a possibilidade de se revelar fundamental para a compreensão do objeto de estudo. Impera então a utilização de um leque metodológico-interpretativo amplo.

### **9.1 VERDADE E INEXATIDÃO**

Algo com o qual o historiador sempre irá se deparar quando trabalha com fontes orais, comparando-as a fontes escritas, é que haverá diferenças e discrepâncias. Assim, isso o levará a uma constante reavaliação dos acontecimentos passados. Muitas vezes, como aponta Mark

---

<sup>3</sup>JOUTARD, 1996, p. 44, nesse sentido, vai falar sobre o "caráter interdisciplinar da história oral".

Roseman (2000, p. 123-125), os depoimentos evidenciarão que as fontes escritas são enganadoras. O que pode ter acontecido devido a uma falta de informação do autor, mas, às vezes, as discrepâncias não são necessariamente sinônimo de inexatidão, pois apenas refletem percepções distintas do observador contemporâneo e do retrospectivo, ou seja, a pessoa entrevistada.

Roseman (2000, p. 124-125), entretanto, concentra as suas atenções num terceiro tipo de discrepâncias, quando os registros contemporâneos revelam que as lembranças das pessoas entrevistadas eram imprecisas e mudaram com o passar do tempo. O autor não se refere às pequenas imprecisões referentes a algo em particular, como a data e hora de certo evento, mas àquilo que Lawrence Langer (apud ROSEMAN 2000, p. 124) denominou de "complexas falhas de memória" que geram as versões individuais. Segundo Roseman (200, p. 125) é justamente a "preocupação com a inexatidão" que ajuda a compreender as "complexas falhas de memória".

Mesmo que o foco do projeto de pesquisa não seja a compreensão e análise dos perfis das pessoas entrevistadas, a reflexão em torno das falhas de memória é fundamental, pois as entrevistas farão parte de um conjunto de fontes utilizado para reconstruir um processo histórico determinado. É preciso estar ciente, dessa forma, de que os relatos dos entrevistados sobre o que ocorreu estará intermediado pela sua história posterior; passou vários processos de resignificação. Ou, como diz Brand (2000, p. 223), "o ato de narrar já é também um ato de transformação."

## 9.2 O SILÊNCIO

No trabalho com história oral é provável que o pesquisador se depare com diferentes tipos de silêncio, sendo dois deles considerados bastante relevantes: os momentos de silêncio durante uma entrevista e a recusa de pessoas para prestar um depoimento.

Sobre o primeiro tipo de silêncio, mais autores chamam a atenção para o seu papel durante a realização de uma entrevista (JOUTARD, 2000, p. 41). Friedhelm Boll (2000, p. 135-142), por exemplo, observou em seu artigo "O fardo de falar sobre a perseguição nazista na Alemanha", que uma das pessoas a quem entrevistou por diversas vezes, sempre que começava a falar sobre as experiências nos campos de concentração, começava a gaguejar e logo interrompia a própria fala com o argumento de que tais experiências eram incomunicáveis. O silêncio, nesse caso, segundo o referido autor, estaria relacionado muito provavelmente a um sentimento de culpa.

O silêncio durante a realização de uma entrevista pode, entretanto, ainda assumir outra função, qual seja, a de servir como momento de reflexão e elaboração do discurso da pessoa que está sendo entrevistada (VOLDMAN, 1996b, p. 38). Quem se dispõe a depor sobre determinado assunto, não possui um discurso pronto que possa ser " Descarregado " no momento oportuno, mas justamente constrói o próprio discurso na medida em que o exterioriza por meio da linguagem. Assim, momentos de silêncio durante a entrevista podem apontar para momentos de maior reconstrução do passado, talvez justamente quando a memória parece ser insuficiente. Disso, também, resulta que as primeiras frases após os momentos de silêncio se constituem de importância fundamental para a análise do discurso da testemunha (SCHIBILSKY, 1996).

Quanto à recusa para a prestação de um depoimento, cada caso particular carecerá de uma análise do que isso representa para a pesquisa. A recusa poderá ser um sinal de protesto em alguns casos. Às vezes, poderá ocorrer devido a uma aproximação não adequada por parte do historiador, que não permitiu o estabelecimento de um laço de confiança mínimo necessário, que é indispensável para uma entrevista bem-sucedida. Pode ser ainda uma falta de confiança em relação à pertinência do próprio relato. Enfim, as motivações podem ser múltiplas.

### 9.3 INTENCIONALIDADES

Acima referiu-se o papel do historiador ao escrever a sua versão da história. Aqui, porém, pretende-se refletir brevemente sobre o papel que a testemunha desempenha ao fornecer a sua versão da história. Sempre que se fala, faz-se isso com alguma intencionalidade. Da mesma forma, uma pessoa requisitada a falar sobre o seu passado, ou sobre o passado de algo do qual ela fez parte, não poderá fazê-lo de forma isenta. Anne Kaminsky (2000, p. 143-153), por exemplo, constatou isso em suas entrevistas com ex-prisioneiros dos campos soviéticos instalados no pós-guerra, nos mesmos campos que serviram ao nacional-socialismo. Segundo a autora, "nossa experiência é a de que ela [a pessoa entrevistada] é não apenas fonte para nós, como também tenta nos influenciar."

Danièle Voldman (1996a, p. 257-258) chama esse tipo de testemunha de "militante" e alerta para o fato de que:

o indivíduo que aceita dar seu depoimento ao historiador está consciente de ter uma mensagem a transmitir. [...] Para os militantes [...] dar uma versão e uma visão do passado, formar para a história um ponto de vista sobre os fatos e permitir estabelecer a sua veracidade também é controlar a posteridade, ter domínio sobre a

imagem que será legada à eternidade: em suma, deter ou acreditar deter a legitimidade de todo o movimento.

No intuito de alcançarem esse seu objetivo, as testemunhas podem em maior ou menor grau recorrer a dados e conhecimentos históricos integrando-os em suas narrativas particulares, visando dar a esta uma maior credibilidade (KAMINSKY, 2000, p. 147). Dessa forma, a consideração de que a pessoa entrevistada possui intencionalidade ao oferecer o seu testemunho se constitui num elemento que precisará ser necessariamente observado durante o processo de análise de qualquer fonte oral.

#### 9.4 COMPLEXIDADE

Propor a complexidade como um princípio de análise é reconhecer a particularidade e a importância ímpar dos testemunhos que são apresentados pelas pessoas que se propuseram a oferecerem os seus depoimentos. Isso implica reconhecer a impossibilidade de uma análise total e definitiva do discurso em questão. Além disso, trata-se também de saber que nem sempre as palavras conseguem expressar a experiência de vida de uma pessoa. Ou, como diz Brand (2000, p. 210), "o depoimento traz impressos a marca da personalidade do depoente e o colorido de seus interesses e valores culturais." A vida não se resume e jamais poderá ser reduzida a algumas poucas palavras gravadas em áudio ou mesmo em vídeo. Uma entrevista ou mesmo uma série de entrevistas com uma determinada testemunha sobre a sua história ou sobre um tema em especial será nada mais do que um recorte muito limitado daquilo que foi vivido. A análise, por sua vez, será o recorte de um recorte. Ela será um pequeno fragmento de uma realidade muito complexa, viva e dinâmica que não se deixa prender pela linguagem falada e escrita.

### 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo refletiu sobre uma série de pressupostos para o trabalho com metodologias de história oral. Ele não tem a pretensão de ser um manual de história oral ou encerrar a discussão sobre este tipo de trabalho historiográfico. Antes disso, ele pretende ser estímulo para jovens pesquisadores e pesquisadoras que almejam enveredar pelos caminhos da historiografia.

Visou-se também explicitar que o trabalho com metodologias de história oral não constitui uma opção que elimine a necessidade ou mesmo exclua a pesquisa com as fontes

escritas tradicionais. A história oral possibilita a construção de novas fontes historiográficas que devem contribuir para uma reconstrução histórica mais complexa e significativa.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

AMADO, Janaína. Nós e o Espelho. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 105-112.

BOLL, Friedhelm. O Fardo de Falar sobre a Perseguição Nazista na Alemanha. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 135-142.

BRAND, Antônio. História oral: perspectivas, questionamentos e sua aplicabilidade em culturas orais. **História Unisinos**, v.4, n.2, p.195-227, 2000.

GRELE, Ronald J. Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtiva à história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 267-277.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do Século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 31-45.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1996. p. 43-62.

KAMINSKY, Anne. A integração do conhecimento histórico na narrativa da própria vida: entrevistas com prisioneiros dos campos soviéticos entre 1945 e 1950 na Alemanha. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 143-153.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Desafios da História Oral Latino-Americana: o caso do Brasil. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 85-97.

ROSEMAN, Mark. Memória sobrevivente: verdade e inexatidão nos depoimentos sobre o holocausto. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI,

Verena (orgs.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 123-134.

SCHIBILSKY, Michael. **Trauerwege**: Beratung für helfende Berufe. 5. Auf. Düsseldorf: Patmos, 1996.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1996. p. 233-245.

VOLDMAN, Daniéle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1996a. p. 247-265.

VOLDMAN, Daniéle. Definições e Usos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1996b. p. 33-62.